

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA III: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA PRÁTICA DOCENTE

(TRAINEE CURRICULUM IN GEOGRAPHY COURSE III: EXPERIENCES AT THE HIGH SCHOOL IN FORTALEZA- CE)

(SUPERVISADAS EN GEOGRAFÍA III: LAS EXPERIENCIAS VIVIDAS EN LA PRÁCTICA DOCENTE)

3

RESUMO

O presente trabalho aborda as experiências e reflexões adquiridas a partir da realização do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III em uma escola de ensino fundamental e médio da rede estadual de ensino, localizada em Fortaleza-Ce. Para isso, tratamos de temas que circundam a realidade do indivíduo como estudante de geografia e futuro professor, tais como: a realidade do ensino fundamental, o ensino de Geografia e o contexto social dos alunos, os desafios profissionais para o futuro e a utilização de recursos didáticos. Este trabalho tem como objetivo apresentar os momentos de Estágio, embasados no debate de questões referentes ao processo de ensino e aprendizagem e na importância da utilização de textos jornalísticos-literários como recursos didáticos alternativos. O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu na referida unidade de ensino com as turmas do 6º ano A e B por um período de dois meses, compostos por momentos de observação, participação e regência. A experiência do Estágio III contribuiu para nosso aperfeiçoamento como profissionais docentes a partir das vivências em sala de aula, do mesmo modo que a utilização do recurso didático jornalístico colaborou para uma aprendizagem mais contextualizada dos conteúdos geográficos pelos estudantes.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado em Geografia III; Ensino de Geografia; Recurso jornalístico.

ABSTRACT

This particular paper discusses the experiences and reflections gained from the completion of a Supervised Trainee Course of Geography III at the junior and high school of the state, located in Fortaleza-Ce. Therefore, we dealt with issues surrounding the reality of students and future professor of geography, as a reality in school. The teaching of geography and the social background of the students and their professional challenges for the future, as well as the usage of teaching resources. This study aims to present the moments in stages, based on the discussions of issues in relation to the teachings, learning and the importance of using journalistic literature, as an alternative teaching resource. The development of this research occurred in the unit of the 6th grade classes A and B during a period of two months, comprised of moments in observation, participation, as well as conducting. The Supervised Trainee Course of Geography III contributed to our improvement as professional teachers with experiences in the classroom along with the same way that the usage of didactic journalistic resources did enrich and improve the contents in contextualized geographic learnings by the students.

Keywords: Supervised Trainee Course of Geography III, Teaching of Geography, Journalistic Literature.

RESUMEM

El presente trabajo aborda las experiencias y reflexiones adquiridas con la realización de la Pasantía Curricular Supervisada en Geografía III en una escuela de educación básica y secundaria de la red estadual de enseñanza, ubicada en Fortaleza-Ceará. Así que, tratamos de temas de la realidad del individuo tan como estudiante de geografía como futuro profesor, tales como: la realidad de la educación básica, la enseñanza de Geografía y el contexto social de los alumnos, los desafíos profesionales para el futuro y la utilización de recursos didáticos. El objetivo del trabajo es presentar partes de la Pasantía, basados en el debate de cuestiones referentes al proceso de enseñanza y aprendizaje y en la importancia de utilizar textos periodísticos-literarios como recursos didáticos alternativos. El desarrollo de esta investigación ocurrió en la unidad de enseñanza con grupos de 6º grado A y B por dos meses, compuesto por momentos de observación, participación y realización de clases. La Pasantía III nos ha ayudado para el perfeccionamiento como profesionales docentes delante de las experiencias de clase, de la misma manera que la utilización de recurso didático periodístico colaboró para un aprendizaje más contextualizado de los contenidos geográficos de los estudiantes.

Palabras claves: Pasantía Curricular Supervisada en Geografía III, enseñanza de Geografía, Recurso Periodístico.

Iana Bárbara de Oliveira Viana Lima
Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFC)
Departamento de Geografia, Campus do Pici – Bloco 911 – Fortaleza – CE - Brasil
ianaviana07@hotmail.com

Rosiane Muniz Cabral
Licenciada e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Departamento de Geografia, Campus do Pici – Bloco 911 – Fortaleza – CE - Brasil
rosi.anegeo@gmail.com

Jacilane Bezerra da Silva
Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Departamento de Geografia, Campus do Pici – Bloco 911 – Fortaleza – CE - Brasil
jacilane@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A prática de Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura e, especificamente, no de Geografia, constitui uma etapa fundamental para o processo de formação dos licenciandos, futuros professores. Afiguram-se como momento primário de contato com o mundo escolar, que permite vivenciar o dia a dia da escola, com os desafios, as alegrias, as dúvidas, os saberes e o crescimento que este ambiente proporciona.

4

O Estágio Supervisionado em Geografia é compreendido como instrumento de adaptação e identificação (ou não) do estudante com a docência. Os graduandos em licenciatura podem, a partir das experiências vividas durante o estágio, olhar para si e fazerem uma avaliação introspectiva, de modo que consigam identificar suas próprias virtudes, habilidades, carências e limitações e as do mundo escolar e social. É no exercício de estágio que os futuros professores podem iniciar a compreensão acerca das complexas práticas que circundam o espaço escolar e as ações ali executadas (PIMENTA; LIMA 2009). Compreende também uma forma de os estudantes exercitarem a prática da pesquisa (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 2007). Assim, os Estágios Supervisionados contribuem de forma relevante para aperfeiçoar a nossa prática docente.

Neste trabalho realizamos uma exposição das experiências e discussões experimentadas no Estágio Supervisionado em Geografia III com os alunos do 6º ano A e B em uma escola de ensino fundamental e médio da rede estadual, localizada na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Este teve como foco a utilização de textos jornalísticos literários como recurso metodológico a ser utilizado em sala de aula. Nesse sentido, abordaremos o Ensino Fundamental e a disciplina de Geografia no contexto social dos alunos, os desafios profissionais para o futuro, e o uso do aplicativo didático literário.

O ENSINO FUNDAMENTAL: A REALIDADE DO ENSINO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA E O CONTEXTO ESCOLAR DOS ALUNOS

Para tratar da conjuntura na qual o Ensino Fundamental está inserido, vamos abordar alguns aspectos presentes no cotidiano da escola, cruciais para o entendimento da posição que se encontra a educação básica.

Ao longo da história, o processo de ensino passou por alterações que refletiam o contexto no qual estava inserido. Diante da globalização o sistema educacional procura se adaptar a essa dinâmica tanto estrutural como funcional. No processo de ensino e aprendizagem já não se admite uma educação nos moldes tradicionais, busca-se a ligação dos conteúdos com o cotidiano do aluno. Sobre esse momento de transformações, Gadotti (2000, não paginado) esclarece:

Neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa *dupla encruzilhada*: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da *universalização da educação básica de qualidade*; de outro, as *novas matrizes teóricas* não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações.

O Ensino Fundamental se insere nesse contexto global. No interior da escola percebemos uma estrutura semelhante às dependências de uma indústria, reflexo da educação tradicional que, juntamente com o aparato curricular, reforça a ideia de que a aula é, basicamente, “transmissão de conhecimentos, ou seja, uma preocupação conteudista” (STRAFORINI, 2006, p. 57). Essas características são percebidas nas aulas, especificamente nas de Geografia.

As possíveis soluções para tantos desafios são complexas, pois perpassam o sistema econômico, político e social no qual estamos inseridos, os órgãos de educação a nível nacional, estadual e municipal, a formação do professor e o referencial teórico-metodológico adotado.

Agora o ensino tem como desafio promover uma educação significativa e dinâmica frente às mudanças que consomem o mundo atual, a respeito disso, Gadotti (2000, não paginado) esclarece:

Na sociedade da informação, a escola deve servir de *bússola* para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Analisar o Ensino Fundamental a partir da realidade social no qual os estudantes estão inseridos torna-se essencial em resposta aos anseios da sociedade pela formação de cidadãos críticos. A escola não pode se distanciar da realidade nem deve se manter indiferente aos problemas que cercam o dia-a-dia dos alunos como se estivesse em um mundo à parte, ela é um instrumento de compreensão da sociedade, quando se leva em consideração a sua função social. Assim, “vendo a escola como um microsistema de um sistema maior que é a sociedade, é impossível estudá-la fora do contexto em que está inserida” (ALMEIDA; LIMA; SILVA, 2002, p.11). Quando as deficiências da sociedade são percebidas – violência, uso de drogas, más companhias - a gestão administrativa lança a ideia da escola integral, como se o permanecer do estudante nas dependências escolares durante dois turnos fosse à solução para afastá-lo dos perigos que rondam as ruas fora dos muros da escola.

Se pudéssemos introduzir, em reuniões do MEC, meia hora de gravação das portas das escolas públicas, nenhum *Programa de aceleração do crescimento* da educação seria sequer aventado. Por quê? Simplesmente porque ali onde a escola pulsa a civilidade real dos lugares (bairros, guetos, quebradas e pedaços) é justamente o espaço geográfico da contrapartida ignorada pelas gestões educacionais. (OLIVEIRA, 2011, p.132).

Frente aos problemas, as soluções não deveriam constar apenas na maquiagem, ou seja, no afastamento dos estudantes da realidade em que vivem, sendo necessário que a escola tenha o conhecimento da problemática (sentida até mesmo na aparência, na estética do prédio) e encare os fatos, contribuindo acima de tudo para uma educação cidadã que vise não apenas o conhecimento formal de disciplinas, com o ideal de preparar um futuro promissor para as “pessoas de bem”, mas que incentive os alunos a serem agentes de modificação no local onde estão inseridos, promovendo o diálogo entre a escola e a comunidade. Sobre este objetivo de futuro, Oliveira (2011, p. 136), esclarece:

A observação do entorno local das escolas municipais e estaduais de Fortaleza – assim como o mesmo exercício nos subúrbios de grandes e médias cidades brasileiras – enfraquece qualquer planejamento transformador das condições de vida dos educandos. Isso ocorre por um motivo simples: ao afirmar a esperança emancipadora da escola, os educadores (técnicos e militantes)

automaticamente imaginam o estudante mais exitoso bem longe daquele lugar. A escolarização convencional tende a ser o mais eficiente passaporte da sociedade moderna.

Assim, ao falar da emancipação dos alunos, as escolas devem ser incentivadoras de uma educação que contribua para a formação de estudantes atuantes na busca pelas mudanças necessárias no contexto em que vivem.

DESAFIOS PROFISSIONAIS PARA O FUTURO

6

O exercício da docência implica o confronto com vários desafios. O primeiro diz respeito a conviver com as dificuldades estruturais e funcionais da escola. Sabemos que todo aprendizado nas disciplinas de ensino no curso de licenciatura é essencial para a boa formação docente. Porém, a realidade escolar, muitas vezes, impõe barreiras, advindas da sua carência estrutural, da rigidez dos cronogramas e dos prazos estabelecidos, que impedem o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas, aprendidas pelos estagiários no decorrer dos cursos de formação. Os desafios tornam-se mais complexos, quando percebemos que os problemas não são de ordem local, ou seja, não são próprios de uma instituição escolar, mas resultam da deficiência funcional do processo educacional acumulada ao longo do tempo.

Outra dificuldade vivenciada no contexto escolar é a desvalorização do profissional docente. Essa desvalorização se evidencia tanto no aspecto financeiro, com baixos salários, como nas poucas horas disponibilizadas para planejamento e investimento em formação continuada.

É uma realidade na prática docente o desafio de estar atento às constantes transformações que ocorrem no mundo e procurar sempre fazer a ligação com o cotidiano do aluno, mantendo-se assim o professor-pesquisador. A respeito disso, ressalta Demo (2006, p. 48) o professor “é pesquisador, nos sentidos relevados: capacidade de diálogo com a realidade, orientado a descobrir e a criar, elaborador da ciência, firme em teoria, método, empiria e prática.” Unido a esse contexto de transformações, a exposição dos alunos às novas tecnologias exige do professor uma adaptação também a tais ferramentas.

Outro desafio se refere às alterações pelas quais a educação brasileira tem passado nas últimas décadas, bem como as mudanças no campo teórico-metodológico da Geografia, cruciais para o entendimento da totalidade-mundo decorrentes, principalmente do processo de globalização. Tais modificações ocorreram desde as décadas de 1960/ 70 com o advento de uma nova forma de pensar a geografia, na qual os geógrafos não mais se mantivessem alheios aos problemas sociais, chamada Geografia crítica e que tem exigido do professor uma postura diferenciada de ensinar, que vise à formação de cidadãos pensantes e atuantes na sociedade. Isto é positivo e necessário. O problema está na dificuldade de estabelecer esse ensino em um sistema educacional arraigado nos moldes tradicionais: “[...] não há como negar que os pressupostos positivistas estão impregnados na escola tradicional, pois algumas práticas pedagógicas e teorias educacionais estão alicerçadas nesses pressupostos” (STRAFORINI, 2004, p. 57). E ainda sobre este desafio, Callai (1999, p. 16) observa:

O desafio do novo estimula ir adiante, mas, para tanto se torna fundamental entender o que está acontecendo, ter instrumentos teóricos e metodológicos para analisar a realidade e compreendê-la como presente carregada do passado e, especialmente, com o olhar no futuro. A formação de um profissional deve ter essa marca [...].

Todas essas problemáticas citadas, entre outras, constituem alguns dos desafios que os professores têm enfrentado no decorrer dos processos históricos da educação brasileira. É perceptível que houve mudanças, mas muito ainda precisa ser feito no sentido de que a educação, bem como os professores, seja assistidos de forma que estes venham cumprir o seu papel social ao qual estão designados.

O APLICATIVO JORNALÍSTICO – LITERÁRIO E A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA

7

A busca por um ensino que estabeleça a ligação com o cotidiano do aluno tem sido um dos principais objetivos da educação nos dias atuais. Dentre as diversas metodologias utilizadas em sala de aula, tem-se o uso de textos, mas não exatamente aqueles dos livros didáticos e sim aqueles de circulação social - como os que são encontrados nos jornais - que estão nas ruas, acessíveis e que podem contribuir de maneira mais dinâmica e interativa no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Sobre essa relação com textos, Menezes, Toshimitsu e Marcondes (2007, p. 9) ressaltam:

Os alunos não querem saber dos textos literários trabalhados nos livros didáticos, as escolas não se voltam para textos que estão nas ruas. Dessa maneira, cada vez mais a escola se distancia dos alunos e não usa a leitura que eles fazem ou a necessidade social que eles têm de produção de textos para se aproximar deles.

O uso de textos jornalísticos, no nosso caso, possibilitou além do maior entendimento do conteúdo proposto, mostrar aos alunos uma maneira criativa de estudar Geografia, de forma que eles percebam que essa ciência não é só o que está posto no livro didático, mas é o cotidiano que eles vivem e veem todos os dias, com significação para a sua vivência.

O foco é o ensino de Geografia e como este deve ser concebido de forma a despertar nos alunos o “olhar geográfico”, o conhecimento eficaz do espaço, acarretando uma alfabetização geográfica e um equilíbrio entre a dimensão cotidiana e as generalizações (KATUTA, 2009). Os recursos propostos e utilizados são os meios pelos quais podemos atingir tais objetivos. Assim, o uso do jornal possibilita a integração dessas duas dimensões, promovendo o conhecimento geográfico através de uma mídia tão comum no dia a dia e que aborda assuntos globais. Sobre isso, KATUTA (2009, p. 15-16) destaca:

Se tivermos como pressuposto que devemos partir dos conhecimentos que os discentes possuem sobre os lugares que conhecem, a fim de realizar o ensino e a aprendizagem fundados no dialogismo – diálogo entre saberes discentes e escolares -, podemos fazer o uso do jornal local enquanto linguagem e registro da geograficidade dos fenômenos, fundamental na construção de raciocínios geográficos.

A utilização do jornal requer também um olhar crítico acerca das ideologias que podem estar presentes nos textos. Não existe discurso neutro. Ao se analisar uma notícia, por exemplo, é preciso perceber as intenções que ali existem. Desta forma, “ler um jornal é também perceber se não houve tentativa de esconder a verdade. Estar atento a essas transformações, elaborar perguntas sobre isso, é abordar com criticidade os meios de comunicação” (MENEZES; TOSHIMITSU e MARCONDES 2007, p. 20).

Para completar essa relação entre o ensino de geografia e o uso do aplicativo jornalístico como recursos neste processo em que se almeja a alfabetização geográfica, concordamos com KATUTA (2009, p. 20-21):

É em função do exposto que nos propomos dialogar com o jornal impresso, tendo em vista que o mesmo constitui material que registra, sob as mais variadas perspectivas, as geografidades em nível local e regional, ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico escolar.

Sobre a crônica, “um gênero híbrido, que melhor marca esta fusão de dois gêneros distintos, o literário e o jornalístico” (ARNT, 2004, p. 51), percebemos a presença de assuntos geográficos apresentados de maneira leve e divertida. A utilização da crônica mostrou que a geografia pode ser entendida de uma forma mais suave e que aprender sobre as formas do relevo pode tornar-se um momento do despertar da imaginação. Estabelecemos uma analogia entre o topo de uma montanha e o tocar de uma agulha no céu, para suscitar a curiosidade dos alunos:

Feche os olhos e tente tatear com a imaginação as paredes de uma montanha, não parece que ali se ergueu um enorme edifício sobre o chão? Tão grande que às vezes- a depender de onde estamos – não conseguimos ver o ponto mais alto? (tal pico, que parece ter argolas de nuvens em sua ponta e toca feito uma agulha a superfície do céu azul). (NETO, 2008, p. 50).

Percebemos que o uso desses recursos é de grande auxílio na compreensão dos conteúdos geográficos. O professor de geografia possui uma variedade de instrumentos didáticos que podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem. Os textos jornalísticos são um exemplo e podem ser utilizado com facilidade, pois além de ser um material de fácil acesso, seu conteúdo mostra os fatos sociais, políticos, econômicos e naturais do espaço geográfico.

O APLICATIVO JORNALÍSTICO – LITERÁRIO E A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA NA PRÁTICA

O estágio é o momento de contato com a escola em que podemos colocar em prática a teoria aprendida durante o curso de licenciatura em Geografia. Dessa forma, seguindo a proposta do Estágio III trabalhamos com as turmas do 6º ano A e B. A escolha aconteceu por se tratar de turmas que estão em fase de transição: os estudantes saíram do fundamental I para dar início a outra etapa, com novos desafios, com o aumento no quadro de professores de acordo com as especificidades de cada disciplina. Além disso, outros fatores contribuíram para a escolha das turmas: a proposta do estágio supervisionado, que pretendia trabalhar com turmas do ensino fundamental; o horário das aulas pela manhã, compatível com o horário das aulas na faculdade e, por fim, a disponibilidade do professor de Geografia das referidas turmas.

Durante a realização do estágio nossa prática consistiu na observação do espaço escolar e das aulas e na regência em sala de aula. A observação é o momento de avaliar a estrutura do espaço escolar e as relações que ali são estabelecidas. A observação dentro da sala de aula, prepara o estagiário para o momento de regência, pois ele pode identificar as deficiências e potencialidades dos estudantes.

As primeiras impressões geraram um sentimento de insegurança e de incapacidade de lidar com certas situações. Algumas inquietações permaneceram durante a regência. Outras, com a aproximação maior dos alunos, puderam ser superadas.

Seguido do período de observação, iniciamos a prática de regência. Conforme o estabelecido, cumprimos 14 horas de regência, com 7 horas em cada uma das turmas trabalhadas. Em cada turma realizamos uma aula utilizando como material didático o uso de textos jornalísticos- crônicas e notícias. **3º dia: 14/11/12 – 6º B:**

1º dia: 07/11/12 – 6º B:

O conteúdo trabalhado foi *As principais formas do relevo terrestre*. Para iniciar o conteúdo, perguntamos se eles (os alunos) viajavam e se, quando o faziam, percebiam as diferentes feições que a Terra possui. Depois pedimos para alguns lerem, em voz alta, a explicação que o livro trazia sobre cada forma do relevo. Foram expostas curiosidades acerca de alguns aspectos do relevo terrestre, relacionadas à Cordilheira do Himalaia (montanhas) e ao Mar Morto (depressões). Utilizamos mapa como a finalidade de despertar neles o conhecimento espacial do planeta. Para finalizar, fizemos uma atividade em grupo, no entanto, após a formação das equipes, os alunos se dispersaram e foi difícil a retomada da atividade.

2º dia: 12/11/12 – 6º A:

Começamos a aula interrogando sobre as viagens que estudantes já haviam feito, como na turma anterior. Trabalhamos o mesmo conteúdo anteriormente ensinado no 6ºB, mas fazendo as adaptações necessárias de acordo com o perfil da turma. Aplicamos a atividade sobre as formas do relevo, mas com alterações. Cada equipe recebeu o nome de uma feição do relevo e tinham como objetivo caracterizar essa feição. Em seguida, os grupos leram os aspectos que eles mesmos destacaram e os demais colegas identificaram o respectivo tipo de relevo.

3º dia: 14/11/12 – 6º B:

Iniciamos a aula fazendo uma ligação com o que havia sido aprendido na aula anterior. Nesta aula abordamos como os relevos se formam e se transformam através dos agentes internos e externos atuantes neste processo. Durante a aula houve a participação de alguns alunos, que se disponibilizaram para realizar as leituras do material didático trabalhado em sala, enquanto outros se dispersaram, conversando e dormindo durante a atividade, o que nos fez refletir sobre nosso desempenho, enquanto futuros docentes.

Nesta aula utilizamos uma Crônica, “*Geo morfo logia*”, do professor Manoel Fernandes, presente no livro *Aula de Geografia*. Distribuímos uma cópia para cada estudante, lemos mostrando os conceitos trazidos pelo texto e que foram vistos em sala e pedimos para eles fazerem um desenho, cada aluno se expressou de acordo com suas habilidades, alguns através de desenhos mais tímidos e outros, demonstrado maior desenvoltura na arte. Os estudantes também tiveram a alternativa da construção textual, em que eles podiam destacar o tipo de relevo que mais lhes chamou a atenção.

4º dia: 19/11/12: 6º A

Iniciamos a aula fazendo uma ligação com o conteúdo ensinado anteriormente. Alguns alunos leram o assunto proposto – *Os processos de formação e transformação do relevo*-, que era intercalado com explicações e questionamentos sobre os mesmos. Propomos a mesma atividade com a crônica *Geo morfo logia*. Alguns alunos resistiram afirmando não saber desenhar, mas no final a produção de desenhos e frases mostrou-se produtiva. Vale ressaltar que nesta aula, identificamos em nossa prática algumas

dificuldades relacionadas ao cotidiano do professor, como por exemplo, o domínio de sala. Mas procuramos posteriormente mudar a situação e agir de modo que os problemas fossem oportunidade para reflexão e aprendizado.

5º dia: 26/11/12 - 6º A:

A aula foi sobre o relevo brasileiro. Procuramos abordar as formas de relevo vistas anteriormente quais predominavam no Brasil. Utilizamos o mapa e algumas figuras para ilustrar os diferentes tipos de relevo que existem nas variadas regiões do país.

Formamos equipe e para cada uma entregamos um mapa do Brasil em branco, sem a divisão das regiões ou dos estados. Pedimos para os grupos pintarem no mapa com as cores amarelo, laranja e vermelho as áreas onde se encontravam alguns exemplos de planaltos, planícies e depressões mostrados no livro.

6º dia: 28/11/12- 6º B:

Trabalhamos o mesmo conteúdo do 6º A e propomos a mesma atividade. Novamente a formação de equipes nesta turma foi difícil e alguns não estavam interessados em participar. Porém, outros que, corriqueiramente demonstram certa agitação, fizeram a atividade.

7º dia: 03/12/12 – 6º A

Nesta aula trabalhamos *Os rios e as bacias hidrográficas do Brasil* com o auxílio do projetor de multimídia. Fizemos uma espécie de revisão de tudo o que tínhamos visto até aquele momento (era nossa última aula na referida turma), apresentando ilustrações de todos os assuntos, o que não havia sido possível realizar anteriormente.

Utilizamos o aplicativo jornalístico sobre a transposição do Rio São Francisco. Distribuímos o texto jornalístico entre os estudantes e pedimos para cada um ler a notícia em voz baixa, em seguida pedimos para os estudantes darem opinião a respeito do que tinha lido. Após os alunos terem participado, expondo suas opiniões sobre o assunto, fizemos uma análise crítica a respeito da notícia colocando os aspectos positivos e negativos da referida obra. Vale ressaltar que essa foi uma aula bastante participativa, pois os estudantes colocavam suas opiniões e alguns traziam em seu discurso as opiniões já escutadas anteriormente a respeito da notícia, ao mesmo tempo, que nos questionavam os pontos positivos e negativos da transposição.

No final, propomos a construção de um material chamado de “Álbum da Geografia”. Nele, os alunos poderiam expor através de imagens, frases, músicas o que foi mais relevante durante o período de nossa regência.

8º dia – 6º B

Trabalhamos o mesmo assunto *Os rios e as bacias hidrográficas do Brasil*, e utilizamos o projetor de multimídia. A notícia foi aplicada e o debate aconteceu com a fala dos estudantes que apresentaram suas ideias sobre a problemática em questão. O “Álbum da Geografia” foi pedido.

Percebemos que no decorrer do período de regência conseguimos estabelecer dentro da sala de aula uma relação mais próxima com os estudantes e através desta, trazemos como reflexão a sala de aula como um espaço múltiplo, porém ainda não

aproveitado no aprendizado. É perceptível o ensino de uma forma fragmentada, sem uma interdisciplinaridade, o que talvez venha a contribuir com a falta de interação e as dificuldades dos estudantes nesse espaço.

Diante dessas dificuldades, percebe-se a importância de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, a fim de contribuir de maneira mais significativa para a assimilação dos conteúdos, através de práticas que considerem a participação ativa dos alunos, bem como o estímulo da perspectiva crítica e reflexiva dos mesmos, diante da realidade vivida. Para atingir esse objetivo, o uso de jornal na sala de aula, nos permite aproximar o aluno dos acontecimentos diários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado em Geografia III é uma vivência fundamental na vida dos futuros professores. A prática de pesquisa na escola contribui para melhor entendermos as relações que circundam o mundo escolar.

Foram muitas situações (fáceis e difíceis) e experiências adquiridas. O primeiro contato com a turma, o impacto da agitação e o medo de não conseguir dominar a situação, o incentivo, a compreensão e a disponibilidade do professor de Geografia. Tudo contribuiu para nosso amadurecimento enquanto indivíduo e profissional.

Após termos realizado as atividades com o jornal, se fez necessário reconhecer a opinião dos estudantes sobre o aplicativo, pois eles eram os personagens fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. Para atingir esse reconhecimento, foi formulada uma ficha contendo a seguinte pergunta: Você acha que o uso de crônica e notícia de jornal contribuiu para uma melhor compreensão do conteúdo estudado? Contribuiu com a sua aprendizagem? Justifique. A turma 6º A é composta por um total de 45 alunos, contabilizando as respostas obtidas, cerca de 85% dos estudantes consideraram positivo o uso do aplicativo e que muito auxiliou no entendimento dos conteúdos. Dentre algumas respostas coletadas, destacou-se: Sim, porque a gente ver notícias que ajudam a aprender geografia”. Já na segunda turma, 6º B, composta por 26 alunos, aproximadamente 80% dos entrevistados afirmaram que a experiência foi de grande relevância. Alguns alunos salientaram que: “Contribuiu para todos verem que a geografia serve para a vida”

A partir dos resultados obtidos, pode-se perceber que o uso do jornal em sala de aula pode potencializar o processo de ensino e aprendizagem, bem como auxiliar na compreensão dos conteúdos estudados no ambiente escolar, além de estimular a percepção dos alunos diante das notícias, contribuindo na construção de sujeitos críticos e reflexivos, que possam ser capazes de interpretar os acontecimentos.

Assim o uso do aplicativo jornalístico, uma forma criativa e inovadora de ensinar e aprender constituiu-se no momento do estágio, o recurso de maior destaque em sala de aula. E através deste, foi proporcionado aos alunos o contato com uma metodologia que buscou incentivar o estudo dos conteúdos geográficos a partir de uma nova perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Maria Bezerra; LIMA, Maria Socorro Lucena; SILVA, Silvina Pimentel (Org.). **Dialogando com a Escola**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- ARNT, Hérís. Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano. **Contemporânea**. [S.l.]. 2004. p. 46-52.
- CALLAI, Helena. A dimensão pedagógica na formação do geógrafo. In: _____. **A formação do profissional de Geografia**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 1999. p. 15-29.
- DEMO, Pedro. A pesquisa como princípio científico. In: _____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 45-97.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 3, abr./jun. 2000. Não paginado. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200002&script=sci_arttext&tlng=pt%C3%DC>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- KATUTA, Ângela Massumi. **(Geo)grafando o território** : a mídia impressa no ensino de geografia. São Paulo: Expresso Popular, 2009.
- MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Taís; MARCONDES, Beatriz. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Para pensar cultura escolar a partir da periferia globalizada. In: NUNES, Flaviana Gasparotti. (Org.). **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados: UFGD, 2011. p. 129-155.
- _____; PONTUSCHKA, Nídia. Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de Geografia. In: VESSENTINI, José William. *et al.* (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. 10. ed. São Paulo: Papirus, 2007. p. 117-133.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, M^a Socorro. **Estágio e Docência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.
- STRAFORINI, Rafael. Dilemas do ensino de Geografia. In: _____. **Ensinar Geografia: o desafio totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006. p. 47-73.